



## A memória ancestral como elemento identitário na poesia de Hugo Jamiroy Juagibioy

Leandro Faustino Polastrini

Mário Cezar Silva Leite

**Resumo:** Considera-se que a memória ancestral indígena é também elemento de reafirmação de identidades e essas memórias são transmitidas há séculos, de geração a geração, por sistemas orais, de educação coletiva, de integração entre homem e natureza. A partir dessas premissas, propõe-se este trabalho que faz parte da pesquisa de doutorado em andamento intitulada: *Representações, contraposições e poder na literatura indígena brasileira e na literatura indígena colombiana*, no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea pela na Universidade Federal de Mato Grosso - Campus de Cuiabá. Para este artigo tem-se como objetivo central evidenciar aspectos temáticos que representam a memória e ancestralidade como elementos identitários latentes na poética do escritor indígena colombiano Hugo Jamiroy Juagibioy, que se autodenomina *Camuentŕa*, um povo que está localizado na região do Vale de Sibundoy no departamento de Putumayo - Colômbia. A base metodológica deste trabalho é de cunho bibliográfico, portanto, foram selecionados alguns poemas do livro *Danzantes del viento: poesía bilingüe* (2010) que compuseram as análises, além de uma revisão teórica sobre os conceitos: memória, ancestralidade e identidades. Conclui-se que a poética de Juagibioy traz à luz as vozes indígenas que também chegam aos não indígenas, evidenciando o quanto estes andam longe e desprovidos de seus tempos-lugares ancestrais e o quanto ainda negam suas raízes.

**Palavras-chave:** Ancestralidade; Identidade; Memória; Poesia Indígena Colombiana.

## Ancestral memory as an element of identity in Hugo Jamiroy Juagibioy's poetry

**Abstract:** It is considered that the indigenous ancestral memory is also an element of identity reaffirmation and these memories have been transmitted for centuries, from generation to generation, through oral systems, collective education, and integration between man and nature. Based on these premises, we propose this work, which is part of the doctoral research in progress entitled: *Representations, Counterpoint and Power in Brazilian Indigenous Literature and Colombian Indigenous Literature*, in the Graduate Program in Contemporary Culture Studies at the Federal University of Mato Grosso - Cuiabá Campus. The central objective of this article is to highlight thematic aspects that represent memory and ancestry as latent identity elements in the poetics of the Colombian indigenous writer Hugo Jamiroy Juagibioy, who calls himself *Camuentŕa*, a people who are located in the Sibundoy Valley region in the department of Putumayo - Colombia. The methodological basis of this work is bibliographical, so some poems were selected from the book *Danzantes del viento: poesía bilingüe* (2010) that composed the analysis, in addition to a theoretical review on the concepts: memory, ancestry and identities. We conclude that Juagibioy's poetics brings to light the indigenous voices that also reach non-indigenous people, showing how far they are from their ancestral time-places and how much they still deny their roots.

**Keywords:** Ancestry; Identities; Memory; Colombian Indigenous Poetry.

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo evidenciar aspectos temáticos que representam a memória e ancestralidade como elementos identitários latentes na poética do escritor indígena colombiano Hugo

Jamioy Juagibioy. Este é escritor, poeta, indígena colombiano que se autodenomina *Camuentša Cabëng Camëntsá Biya* que significa: “de aquí mismo, de nosotros mismos y que así mismo habla, es decir: “hombres de aquí con pensamiento y lengua propia” (JUAGIBIOY, 2010, p. 23). Eles estão localizados numa região chamada Vale do Sibundoy no departamento de Putumayo - Colômbia, com uma população de mais ou menos seis mil indígenas que ainda mantêm cultura e língua própria.

Destarte, esta análise faz parte da pesquisa de doutorado intitulada: *Representações, contraposições e poder na literatura indígena brasileira e na literatura indígena colombiana*, que está em andamento no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea pela na UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso) campus de Cuiabá. Os poemas selecionados para as análises estão no livro: *Danzantes del viento: poesía bilingüe* (2010), que faz parte de uma coletânea que compõe a Biblioteca Básica dos Povos Indígenas da Colômbia. Portanto, o livro traz poemas na língua espanhola e *camëntsá*. A base metodológica deste trabalho é de cunho bibliográfico, com revisão teórica sobre as temáticas: memória, ancestralidade e identidades.

### Memória, ancestralidade e identidades

Nesta seção apresentamos uma breve explanação teórica sobre os conceitos: memória, ancestralidade e identidades; para tal feito transitamos entre os postulados de autores e autoras de algumas áreas do conhecimento como: a história, a filosofia, a literatura, a dos estudos culturais, etc. Começamos pela memória, segundo Diehl (2002) a memória significa experiências consistentes ancoradas no passado e de fácil localização, por ser contextualizada é possível ser atualizada historicamente. De acordo com ele, ela se constitui de um saber que irá “formando tradições, caminhos – como canais de comunicação entre dimensões temporais –, ao invés de rastros e restos como no caso da lembrança” (DIEHL, 2002, p. 116).

Diehl (2002) ainda afirma que a memória pode constituir-se tanto de elementos individuais como de coletivos e que faz parte de perspectivas de futuro, de utopias, de consciência do passado e de sofrimentos. O que nos faz lembrar do que também refere Halbwachs (2006) quando informa que existem duas memórias, uma individual e outra coletiva, portanto, o indivíduo pode participar destas duas e que de acordo com a participação em uma ou em outra ele adotaria atitudes diferentes e até mesmo opostas.

Pelo senso comum, a memória está intimamente ligada às tradições familiares, grupos com suas idiosincrasias peculiares. Neste nível, ela representa possibilidades de aprendizagem e de socialização, expressando assim continuidade e identidade daquelas tradições. [...] A memória por também ter características coletivas, assume funções tais como de identificação cultural, de controle político-ideológico, de diferenciação e de integração. (DIEHL, 2002, p. 117).

Para Diehl (2002) a memória pode assumir a função genérica ligada à tradição e como qualquer outra fonte histórica, sofre de uma fraqueza, que é o seu desgaste ao longo do tempo. Compreendemos a postulação de Diehl sobre a memória enquanto fato ou elemento histórico que pode se enfraquecer com o tempo, porém para este estudo vamos tratar da memória também como elemento ancestral, ou seja, dotado de características mais complexas no campo cosmológico e da espiritualidade. Isso não quer dizer que a memória ancestral não sofra desgastes e adaptações com o passar do tempo, pelo contrário, entendemos que ela segue no tempo sendo ressignificada de acordo com as necessidades e situações do presente.

O escritor indígena brasileiro Daniel Munduruku (2000) em suas reflexões sobre as culturas e povos indígenas do Brasil, afirma que as “sociedades tradicionais”, neste caso as sociedades indígenas, são “filhas da memória” e por esse motivo a memória seria a base do equilíbrio das tradições. De acordo Munduruku: “A memória liga os fatos entre si e proporciona a compreensão o todo. Para compreender a sociedade tradicional indígena é preciso entender o papel da memória na organização da trama vida” (MUNDURUKU, 2000, p. 32).

Ao se pensar em memória nos dirigimos sempre ao que está no passado, aquilo que já se foi, as experiências vividas, as emoções sentidas, as paisagens conhecidas, exploradas, as fases e fatos já vividos seja no universo particular, individual, ou seja no universo coletivo, dos fatos históricos, sociais e políticos que marcam gerações. Munduruku, ainda a respeito da memória para os povos tradicionais, para os povos indígenas vai nos dizer:

O presente, no entanto, está atrelado ao passado. Não a um passado físico, mas a um passado memorial, dos feitos dos criadores, dos heróis, e do início dos tempos. Esta memória é reinventada no cotidiano para todos possam caminhar conforme os ensinamentos, as regras de conduta e os valores individuais e sociais que regem a sociedade. (MUNDURUKU, 2000, p. 32).

Nesta ótica do pensamento indígena sobre a memória, sobre a tradição e a ancestralidade Munduruku informa que os povos indígenas têm uma coisa em comum que é o amor pela Mãe-terra, o respeito profundo pela natureza, além do apego às raízes ancestrais que são transmitidas pelos rituais, elementos bases para a criação de regras sociais, políticas e religiosas que dão sentido à existência física e cultural desses povos. Para ele as narrativas míticas são vivas e fundadoras da moral, ética, estética, social dos povos indígenas. “A tradição ancestral nos apresenta a terra como o ventre de que nós saímos, o solo do qual nos alimentamos e o coração a que retornaremos e no qual encontramos entes queridos que conosco conviveram durante sua passagem pela Terra” (MUNDURUKU, 2000, p. 35).

Sobre a ancestralidade, Oliveira (2005) traz que ela é

[...] um tempo difuso e um espaço diluído. Evanescente, contém dobras. Labirintos se desdobram no seu interior e os corredores se abrem para o grande vão da memória. A memória é precisamente os fios que compõem a estampa da existência (OLIVEIRA, 2005, p. 249).

Entendemos essa “estampa da existência” como as identidades que podem ser formadas, elaboradas, ou construídas, e o uso do termo “dobras” nos faz imaginar um corpo que com o passar dos tempos, foi se modificando, a pele já não é mais como antes, agora acumula as rugas, as dobras do tempo, as dobras seguem numa unidade, porém elas nos dão a sensação de que somos múltiplos.

O tempo ancestral é um tempo crivado de identidades (estampas). Em cada uma de suas dobras abriga-se um sem número de identidades flutuantes, colorindo de matizes a estampa impressa no tecido da existência. Por isso não é um tempo linear, por isso não é um tempo retilíneo. Ele é um tempo que se recria, pois a memória é tão somente um mecanismo de acesso à ancestralidade que tem como referência o corrente. (OLIVEIRA, 2005, p. 250).

Novamente tem-se o presente como ponto chave para validar a memória, seja ela ancestral ou não. E sobre o espaço da ancestralidade Oliveira (2005) o entende como “pontilhado de corporeidades diferentes. É um corpo diverso, infinitamente pequeno e infinitamente grande, sua lógica é a do fractal. Pele de elefante redobrada de tempos ancestrais. Rugosidade de troncos. Antiguidade de rizomas” (OLIVEIRA, 2005, p.

250). É complexo compreender sobre esse “espaço da ancestralidade” que o autor nos apresenta, pois as metáforas usadas nos remetem sempre ao tempo, não a um espaço; é quando essas duas categorias parecem se confundir ou se fundir.

A palavra rizomas, nos faz lembrar de outro trecho de Munduruku (200?) no qual podemos visualizar, talvez, melhor esse espaço-lugar da ancestralidade, inclusive já citamos acima que é a Mãe-terra, que simboliza os territórios, a natureza, as florestas, os rios, os animais, etc. A partir disso, a terra torna-se para os indígenas espaço sagrado, espaço onde estão suas raízes culturais, suas ancestralidades. Refletindo sobre essa relação entre os seres, povos e culturas Oliveira também nos diz que

[...] ancestralidade é uma categoria de relação - no que vale o princípio de coletividade - pois não há ancestralidade sem alteridade. Toda alteridade é antes uma relação, pois não se conjuga alteridade no singular. O Outro é sempre alguém com o qual me confronto ou estabeleço contato. (OLIVEIRA, 2005, p. 258).

Chegamos, então, ao conceito de identidade que Warnier (2003, p. 17) define como “conjunto dos repertórios de ação, de língua e de cultura que permitem a uma pessoa reconhecer sua vinculação a certo grupo social e identificar-se com ele”. Mas, segundo o autor, a identidade não depende somente do nascimento e das escolhas realizadas pelos sujeitos, ela também pode ser atribuída social ou coletivamente aos indivíduos através do campo político e das relações de poder estabelecidas. Ele cita o exemplo dos franceses que têm tendência a amalgamar os imigrantes do Oeste da África em uma única identidade africana, ao passo que, subjetivamente, eles nem sempre se reconhecem entre si. Warnier considera que talvez seja mais pertinente falar em processos de *identificação* ao invés de identidade, pois para ele a identificação é contextual e flutuante.

A identificação individual e coletiva pela cultura tem como corolário a produção de uma *alteridade* em relação aos grupos cuja cultura é diferente. O contato intercomunitário suscita reações muito diversas: idealização do outro, atração pelo exótico, pelo “bom selvagem”, mas também desprezo, incompreensão, rejeição, podendo terminar em xenofobia (ódio aos estrangeiros) e aniquilamento. (WARNIER, 2003, p. 18).

Ao se pensar em cultura ou povos tradicionais podemos incorrer equivocadamente na ideia de que elementos culturais e identitários atribuídos a estes grupos sejam estanques, imutáveis, porém não é exatamente assim, pois como vimos anteriormente a memória não deixa de ser atualizada ou ressignificada. É sabido que elementos culturais tradicionais tendem a ser reproduzidos ou imitados por sujeitos de um determinado grupo, porém as necessidades socioculturais e históricas de cada grupo e tempo fazem com que esses sujeitos revisitem, atualizem e ressignifiquem tais elementos e identidades. Para Warnier a cultura e a tradição nos fornecem repertórios de ação de representação, pois “os processos de identificação preenchem uma função de bússola ou de orientação (pode-se dizer também uma função de relacionamento ou de mediação)” (WARNIER, 2003, p. 19).

Também citamos neste estudo o termo cosmologia que de acordo com Silva “[...] são teorias do mundo. Da ordem do mundo, do movimento no mundo, no espaço e no tempo, no qual a humanidade é apenas um dos muitos personagens em cena” (SILVA, 1994, p. 75). Entendemos então que há um macrocosmo do qual nós humanos somos uma das partes, mas não o todo. Destarte, segundo a autora as cosmologias “[...] expressam concepções que revelam a interdependência permanente e a reciprocidade constante nas trocas de energias e forças vitais, de conhecimentos, habilidades e capacidades que dão aos personagens a

fonte de sua renovação, perpetuação e criatividade” (SILVA, 1994, p. 75). Assim fundamentados passamos à análise dos poemas *Danzantes del viento: poesía bilingüe, Yagé, Pon tus huellas, Estos susurros, Escarba las cenizas*, que representassem em sua temática o que entendemos por ancestralidade ou trouxessem aquilo que se relaciona com essa questão. Sendo assim, não faremos aqui um enfoque estrutural das análises, mas sim temático sobre as representações identitárias advindas do processo criativo do autor. É importante destacar, antes de tudo, que nem todos os termos na/da língua indígena, *Camëntšá*, são traduzidos para a língua espanhola, tampouco neste livro se apresenta um glossário dos termos que não traduzidos.

### Análise temática dos poemas

O poema *Yagé II* apresenta um dos elementos temáticos de nossa análise que é a ancestralidade e espiritualidade, neste caso para o povo *Camëntšá*. Essa representação é feita através do *Yagé*, que dizendo de maneira sintética seria o mesmo que a ayahuasca, ou seja, enteógeno, bebida com efeitos psicoativos utilizada como parte da medicina tradicional e espiritual de vários povos indígenas amazônicos e também por diversos segmentos religiosos como, por exemplo, Santo Daime e União do Vegetal.

#### *Yagé II*

Cuál es tu intención.  
Taita Yagé es hombre,  
es sabio y a todos orienta  
es sabio y a todos guía  
es sabio y a todos cuida  
es sabio y a todos aconseja  
es sabio y es taita;  
es celoso y por eso  
no te muestra ni te enseña nada,  
te exige tranquilidad y respeto.  
Él es sabio, y mucho antes de que estés junto a él  
sabe cuál es tu intención;  
cuando estás con él  
te guía, te enseña, te cuida,  
te aconseja, te orienta  
o simplemente te deja. (JUAGIBIOY, 2010, p. 73)

Juagibioy no poema nos apresenta o *Yagé* como um *Taita*, ou seja, um ancião ou avó que domina os conhecimentos tradicionais, principalmente os medicinais, de curas, é a pessoa mais velha dotada de sabedoria, também pode ser o pajé, o xamã, o curandeiro. A personificação do *Yagé* nos remete a aproximação parental que se é estabelecida com essa bebida, ou seja, ela é representada como um elemento ancestral, como parte da cosmologia, da espiritualidade do povo indígena *Camëntšá*. A ela são atribuídas funções importantes para o funcionamento sociocultural deste povo, para além de sua existência e resistência, pois as palavras sábio e guia são também trazidas como sinônimo para o *Yagé*, por isso ele torna-se o elemento/canal que conecta os seres, divindades, espíritos entre as dimensões ou mundos. Abaixo trazemos outro poema em que Juagibioy (2010) traz o *Yagé* como representação desse ser ancestral.

*Yagé III*

Con canto de loína<sup>1</sup>  
 ¡Oh, Taita Yagé!  
 Gran taita dueño del saber,  
 eres hombre  
 eres planta, eres gente.  
 Planta sagrada de la luz  
 bejuco mágico,  
 cantando vas al mundo de vidas pasadas  
 con canto de loína danzas  
 con viento de guaira vuelas  
 con tu espíritu vas buscando.  
 ¡Oh, Taita Yagé!  
 Hoy hago humo y recojo copal,  
 busco palosanto,  
 hago fuego y camino a la vez  
 con incienso;  
 a ti, Taita, en tu viaje,  
 te quiero acompañar. (JUAGIBIOY, 2010, p. 75)

Como já vimos, além de elementos cosmológicos, a memória ancestral se serve também dos mitos, das histórias de origem para seguir viva ou ressignificadas nas culturas ou sociedades tradicionais. Assim, também podemos destacar a presença mítica na construção poética de Juagibioy, neste caso específico, a narrativa do *Yagé* como esse elemento identitário ancestral e sagrado que guia seu povo.

Gracias a la forma de vida de nuestros antepasados, hoy podemos afirmar que aún vivimos con una gran gama de aspectos que hacen parte de nuestra identidad, todos ellos heredados a través de la práctica de la tradición oral. Estos nos permiten presentarnos en este nuevo siglo como un pueblo lleno de grandes valores mediante los cuales podemos entender, practicar y enseñar los principios naturales de respeto, unidad, identidad, reciprocidad, autonomía, que representan para nosotros los pilares sobre los que descansa el mundo caméntsá, la vida de nuestro pueblo. (JUAGIBIOY, 2010, p. 24).

No poema *Pon tus huellas* a ancestralidade é representada também pelos avós, aqueles que vieram antes, são os criadores dos caminhos que se cruzam, ou seja, a ideia de que a transmissão dos conhecimentos, das crenças, dos mitos, dos cantos, das danças, etc. são passadas de gerações a gerações. Esses caminhos se cruzam, por isso é importante que as gerações do presente também se comprometam em deixar suas pegadas, os sinais de sua cultura e seguir os exemplos das gerações anteriores para que as memórias ancestrais continuem vivendo junto com seu povo.

Pon tus huellas  
 Se van cruzando  
 estos caminos  
 creados por tus abuelos;  
 son para encontrarse y darse la mano.  
 Pon tus huellas hijo,  
 así, seguirán viviendo. (JUAGIBIOY, 2010, p. 83)

---

1 Harmônica

Podemos identificar o que afirmamos anteriormente sobre a memória que é o encontro entre passado e o presente, e que esse movimento seja sempre uma constante para que essas culturas e povos possam manter suas existências indígenas, suas identidades de um tempo-espço ancestral.

Los sabios antepasados camëntsá cumplieron su tarea de entender, practicar y enseñar la vida de nuestro pueblo. Sus pasos marcaron la huella profunda, y con el transcurrir del tiempo se constituyeron en pilares-principios; durante miles de años han sido la columna vertebral de la convivencia del pueblo como pueblo: como un solo cuerpo que no se puede desmembrar, que no se puede desintegrar. Como muestra de ello –de la sabiduría en esa visión de la vida– aún hoy existe el pueblo Camëntsá, lleno de incontables valores que nos han permitido vivir como un tejido fuerte, urdido y tramado con fibras salidas de la relación entre hombre, naturaleza y Universo, fibras que llamamos pilares-principios naturales. (JUAGIBIOY, 2010, p. 24).

O poema *Estos susurros* nos apresenta a voz ancestral por meio dos sussurros que são trazidos pelo vento, ou seja, o vento é elemento da natureza que conduz essa voz ao seu interlocutor. O vento que também assopra, move e refresca é aquele que também sussurra, novamente a personificação deste elemento. No poema Juagibioy também utiliza o verbo *sembrar*, que em português significa semear, como elemento que relaciona o ser indígena e a terra no processo de cultivo, da agricultura de subsistência, mas não é apenas o sentido de plantar as sementes no chão que germinarão e produzirão os alimentos, é também no sentido de semear suas raízes, sua cultura e a de seus ancestrais. A ancestralidade como rizomática, as raízes que estão disseminadas nas profundezas da terra, por isso não importa se a copa, o tronco, os galhos são cortados, ela sempre germinará e brotará.

#### **Estos susurros**

Estos susurros que trae el viento  
vienen del lugar donde mi padre  
sembró su voz;  
llegan a mí  
cada vez que mis pasos andan  
sin su cabeza al lado.  
Aun en su ausencia  
mi padre seguirá siendo mi padre,  
y cuando doble la loma  
camino a la oscuridad,  
el viento me estará recordando  
que hay cosecha en mi corazón. (JUAGIBIOY, 2010, p. 111)

Destacamos que os sussurros dessa voz ancestral, também podem ser entendidos como um guia espiritual, um fio condutor para o caminho da tradição, pois eles chegam ao eu lírico do poema quando este tem seus passos distantes da “cabeça” de seu pai, ou seja, do que pensava e dizia seus antecessores, o vento pode ser também o mensageiro ou o canal que a ancestralidade se manifesta, é preciso semear no presente os ensinamentos de seu povo, as vozes dos avós, dos *Taitas* para que se possa continuar a colhê-los no futuro. Ao aproximarmos ancestralidade e cosmologia citamos Silva (1994) que nos dirá:

Algumas das novidades são acomodadas na visão já construída: o novo é traduzido no já conhecido. Domesticado, torna-se familiar; ganha um sentido instituído pela tradição; o ineditismo, graças à sua localização no passado experimentado. Ganha, enfim, ares de reencontro. (SILVA, 1994, p. 76).

No livro em questão podemos dizer que a poética de Juagibioy é embrenhada desse tempo-lugar com ares de reencontro, de caminhar junto e ouvir a voz ancestral, que é representada também pela voz dos avós, do pai.

Como herederos de la sabiduría de nuestros antepasados nos corresponde asumir la tarea de entender, practicar y enseñar esos pilares-principios naturales con la responsabilidad y el compromiso de preparar el lugar sagrado en donde vivirán nuestros hijos, y los hijos de ellos, como un solo cuerpo, como un solo pueblo que cultive los valores que lo identifican como tal. (JUAGIBIOY, 2010, p. 24)

Já no poema *Escarba las cenizas*, primeiramente, buscamos o significado do verbo *escarbar* que no poema está flexionado no modo imperativo, na língua portuguesa este verbo significa esgaravatar, revolver ou ciscar, assim como fazem as galinhas. As cinzas podem representar o elemento identitário tradicional, ou seja, referem-se ao fogão de lenha ou à fogueira, que além de ser importante para a cocção dos alimentos é também responsável por aquecer as casas nas noites e madrugadas frias, é local de encontro, de rodas de conversas, de contação de histórias e mitos, momento de compartilhar, trocar, ensinar e aprender, enfim as cinzas representam o passado, aquilo que já foi.

#### **Escarba las cenizas**

Hijo, abandonado está el fogón de donde desprendiste tu nombre  
mientras con frío buscas abrigo fuera de tu propia energía.

Regresa,

siéntate en el círculo donde las palabras del abuelo giran.

Pregúntale a las tres piedras, ellas guardan silenciosas el eco de  
antiguos cantos.

Escarba en las cenizas, calentita encontrarás la placenta con que  
te arropó tu madre. (JUAGIBIOY, 2010, p. 135)

A situação posta é que o eu lírico, uma voz mais velha faz um chamamento e também advertência àquele que está afastado de sua cultura, da sua tradição, sobre o descuido com a sua identidade. O verbo *regresa* também no imperativo diz o que este outro, o filho, deve fazer, deve regressar ao círculo e escutar as palavras do avô, a memória viva do seu povo. Ouvir os cantos antigos é também estar diante da presença da sua memória ancestral. Revolver as cinzas é a metáfora usada por Juagibioy para referir-se à identidade adormecida ou deixada de lado, abandonada “*mientras con frío buscas abrigo fuera de tu propia energía*” (JUAGIBIOY, 2010, p. 135)

A través de la poesía, el taita regresa y vuelve a pronunciar frente a nosotros sus hondas palabras. Como una “ilusión poética”, desaparece el sujeto poético y reaparece la voz ausente (el taita). Aquí el lector es hijo y parece escuchar ahí, junto a la chagra, junto al fogón: paráfrasis común a la poesía indígena contemporánea, dulce intromisión del recuerdo (oralidad) en la escritura (el poema), procedimiento que conecta a la oralitura con la poesía conversacional. (MARTÍNEZ, 2010, p. 139).

O poema acima também nos faz lembrar do ritual, de sentar-se no círculo onde as palavras dos avós estão a girar, onde estão as pedras que guardam em silêncio os cantos dos antigos, dos ancestrais. Silva (1994) afirma que:

No momento ritual, suprime-se o tempo transcorrido entre os primórdios e o presente histórico: jovens e ancestrais estão simbolicamente colocados lado a lado; o futuro se faz através de um reencontro intenso e regenerador com o passado mais longínquo. Suprime-se, no rito, o tempo para impulsioná-lo adiante; recria-se o espaço; bebe-se nas fontes originais a força da vida. (SILVA, 1994, p. 78)



## Considerações finais

Diante das análises constatamos que os elementos da natureza estão fortemente presentes em grande parte das poesias de Juagibioy, assim como também os elementos temáticos que buscamos evidenciar: a ancestralidade, a memória e a identidade. A memória, neste caso a ancestral como o canal de comunicação cultural com a tradição, com as vozes dos antepassados, mas não se esquecendo do tempo atual, do presente em que essa memória será evocada e utilizada, ressignificada. Podemos entender a memória ancestral como também fonte de existência e resistência.

A poética de Juagibioy não só traz a luz a sua própria voz, como também as de seus ancestrais, dos avós, daqueles que vivem e viveram antes dele, essa poética carregada das vozes indígenas também chega aos não indígenas, e nos evidencia o quanto andamos longe e desprovidos de nossos tempos e lugares ancestrais, o quanto desconhecemos ou buscamos negar nossas raízes. “En la frontera entre las dos culturas (*Camëntsá/Occidente*), Jamióy dibuja la encrucijada: reconoce la voz de los taitas como palabras necesarias tanto para los *squenás*<sup>2</sup> como para su pueblo [...]” (MARTÍNEZ, 2010, p. 140).

A memória ancestral indígena é também canal construtor e de reafirmação de identidades que são transmitidas há séculos, de geração a geração, por sistemas orais, de educação coletiva, de integração entre homem e natureza. Os elementos ou constructos culturais, cosmológicos que são representados nos poemas de Hugo Jamióy Juagibioy como o *Yagé*, *las cenizas*, *susuros del viento*, *la siembra*, *los taitas*, *abuelos*, etc. nos conduzem a compreender a dinâmica sociocultural indígena, neste caso a dos *camëntsá*.

## Referências

- DIEHL, A. A. **Cultura historiográfica**: memória, identidade e representação. Bauru: EDUSC, 2002.
- JUAGIBIOY, H. J. **Danzantes del viento**: poesía bilingüe. [recurso eletrônico] Bogotá: Ministerio de Cultura, 2010. Disponível em: <<https://babel.banrepcultural.org/digital/collection/p17054coll8/id/6/>>. Acesso em: 20/05/2020.
- MARTÍNEZ, J. G. S. Miguel Ángel López y Hugo Jamióy: Poéticas de lo imposible. **Cuadernos de Literatura**, v. 14, n. 27. Bogotá, 2010. p. 132-155. Disponível em <<https://revistas.javeriana.edu.co>>. Acesso em: 20/05/2020.
- MUNDURUKU, D. **O banquete dos deuses**: conversa sobre a origem da cultura brasileira. 1ª ed. São Paulo: Editora Angra, 2000.
- OLIVEIRA, E. D. de. Filosofia da ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira. **Tese de Doutorado** (Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira) Universidade Federal do Ceará, 2005. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/36895>>. Acesso em: 20/05/2020.
- SILVA, A. L. da. Mitos e cosmologias indígenas no Brasil: breve introdução. In: GRUPIONI, L. D. B. *Índios no Brasil*. Brasília: MEC, 1994.
- WARNIER, J-P. **A mundialização da cultura**. Trad. Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2003.

Submetido em: 22.04.2021

Aceito em: 31.08.2021

---

2 Não indígenas/brancos.